

EDITORIAL – v.6, n.1

Revista Debate Econômico
Ciências Econômicas com ênfase em Controladoria – Universidade Federal de Alfenas

O novo número da Revista Debate Econômico se inicia com uma sistematização das principais ideias das duas correntes de pensamento mais influentes na macroeconomia contemporânea: a novo-clássica e a novo-keynesiana. A tarefa foi realizada por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Montes Claros que procurou esclarecer os pressupostos teóricos de ambas as correntes e, partir deles, compará-las. Se, a princípio, uma leitura superficial orientada pelos nomes das correntes – clássica e keynesiana - indicaria uma rígida oposição entre elas, os autores, por meio de sua análise, matizam as divergências e concluem que ambas são diferentes, mas não excludentes. Assim, cada uma daria, a seu modo, sua contribuição para o avanço da teoria macroeconômica moderna.

A preocupação teórica permanece no segundo artigo deste número, mas em outra chave. Ezequiel Rezende faz uma revisão sistemática da literatura nacional sobre os arranjos produtivos locais, os conhecidos APLs, entre 2012 e 2018, a fim de visualizar com maior precisão o que significaram os estudos sobre o tema no país. O autor buscou identificar onde os artigos foram produzidos e a que tipos de arranjos se referiam. Suas conclusões refletem justamente aspectos que o desenvolvimento local busca combater, isto é, a concentração de renda e o atraso tecnológico, pois, de um lado, a produção sobre o assunto é concentrada no eixo-Sul-Sudeste brasileiro e, de outro, os APLs mais referenciados são os de baixa intensidade tecnológica. O artigo revela, portanto, problemas de conexão entre as estruturas produtivas locais e o circuito de produção científica e tecnológica, especialmente na região Nordeste, o que contribuiria para alimentar o círculo vicioso do desequilíbrio regional no Brasil.

Ivo Costa Novais, por sua vez, faz um estudo comparado da pauta de exportações de Brasil, Coreia do Sul e China entre 1962 e 2000. Sua principal preocupação é entender as diferentes dinâmicas econômicas desses países que os levaram a distintos ritmos e qualidades de desenvolvimento econômico. Não deixa de ser angustiante perceber como o Brasil, que ocupava posição privilegiada até os anos 1980, foi ultrapassado por China e Coreia do Sul nesse período na corrida industrial e tecnológica. O autor procura dar uma explicação para essa perda de fôlego na pauta de exportações. Avalia que, enquanto os países asiáticos diversificaram e sofisticaram tecnologicamente seus produtos de exportação, o Brasil permaneceu dependente majoritariamente da venda de produtos primários de baixo valor

agregado. Na interpretação do autor, faltou ao Brasil o que sobrou na China e na Coreia: um programa claro, objetivo e coerente de desenvolvimento industrial.

O atraso brasileiro também se reflete no mercado de trabalho, especialmente na situação da mulher. Alessandra Silva analisa o mercado laboral brasileiro com um recorte regional e familiar. O retrato registrado pela sua lente, a partir de dados da PNAD, revela uma paisagem cheia de contrastes. Se, de um lado, a entrada da mulher no mercado de trabalho pode significar emancipação e fortalecimento de seu papel social, por outro, no Brasil, essa inserção foi marcada pela crise econômica que marcou o país nas décadas de 1980 e 1990. Assim, na falta de oferta de emprego nos setores formal e industrial, abriu-se espaço para as vagas nos setores informal e de serviços nas diversas regiões brasileiras, vagas que acabaram sendo ocupadas especialmente por mulheres. O país assistiu, então, o aumento do número de mulheres trabalhadoras e chefes de família, mas não conseguiu fornecer as condições adequadas para vivenciarem a nova situação. O problema se agrava quando constatadas as discrepâncias regionais.

Se a vida termina com a morte, a seção de artigos se despede com um estudo sobre os padrões da mortalidade brasileira em diferentes regiões. Marcos Paulo Lasmar e Pamila Siviero nos dão a boa notícia da queda contínua da mortalidade no país no período analisado, entretanto, os autores notam que não houve alteração substantiva nos padrões, isto é, alta mortalidade entre homens jovens motivada por causas externas e baixa mortalidade entre mulheres jovens. Quanto às regiões, houve uma diminuição no diferencial de esperança de vida ao nascer em cada uma delas em relação à média brasileira, porém, o ritmo da diminuição variou. Apesar da melhora, os resultados confirmam a discrepância regional do país, pois a mortalidade do Norte e Nordeste continua superior à média nacional ao contrário do Sul e Sudeste.

A seção de resenhas traz a avaliação de Alexandre Saes sobre o livro *Reinventando o capitalismo de estado*, de Aldo Musacchio e Sérgio Lazzarini.

Finalmente, para fechar o número, apresentamos a tradução de mais um texto de Henri Pirenne, *A instrução dos mercadores na Idade Média*.

Agradecemos aos autores e avaliadores que colaboraram com este número. Lembramos aos leitores que a submissão de artigos para a Revista se dá em fluxo contínuo. Visite sua página na internet para mais informações: [Revista Debate Econômico](#).

Desejamos a todos uma boa leitura!

Equipe editorial